

ENTREVISTA COM MARIA DA LUZ

MORADORA E MUTIRANTE DO CONJUNTO FERNÃO DIAS

DATA: 06/11/2021

LOCAL: ONLINE

PARTICIPANTES:

Roberto Eustaáquio

Giselle

Tiago

Josiany

Maria da Luz

TAGS:

Dados Gerais

Habitação

Relações de vizinhança e ações comunitárias

Fase de mobilização

Fase de projeto

Fase de obra

Pós-Ocupação

SIGLAS (em ordem de aparição):

OPH – Orçamento Participativo da Habitação

PAR – Programa de Arrendamento Residencial

OPBH – Orçamento Participativo em Belo Horizonte

URBEL – Companhia Urbanizadora de Belo Horizonte

Giselle: Vai começar a gravar... A gente tem até um roteirinho de entrevista mas, primeiro, eu queria que você se apresentasse: quem é você, nome, sua função e como que você se envolveu com esse movimento de moradia que depois desdobrou na construção desse conjunto Fernão Dias... explicasse para a gente rapidinho isso.

[Dados Gerais]

Maria da Luz: Olha... meu nome é Maria da Luz de Freitas. É... eu venho de uma família de onze irmãos, nós somos doze no total e o Nicanor (?) foi a pessoa que me levou para este movimento, porque ele dedicou a maior parte da vida após alguns episódios a esse movimento: em ajudar o ser humano. E, com isso, fizemos as reuniões para que pleiteássemos moradia porque no lugar que

morávamos, a gente via quanta necessidade as pessoas tinham de moradia decente, moradia digna e assim começou a nossa trajetória por habitação em Belo Horizonte.

Giselle: Ah, bacana! Então você integrava esse movimento de moradia desde o começo, né. Você lembra, mais ou menos, que ano que foi isso?

Maria da Luz: Nossa, data, você não conte comigo porque as datas não me vem à memória, mas você acolheu outras entrevistas, você deve ter tido notícia que a gente acampava na prefeitura, na Igreja São José e fazia tudo reivindicando que o poder público nos enxergasse, e a partir daí foi que foi tomando forma esse movimento.

Giselle: Entendi, e você era ligada ao... você citou o nome de uma pessoa, eu não consegui escutar, exatamente, mas eu queria entender assim, essa organização, o movimento de moradia que você participava dos acampamentos, dessas ocupações, ela era vinculada a algum grupo específico? Por exemplo, a gente sabe que a Igreja Católica tinha um papel importante, o pessoal do PCdoB, o pessoal do PT também, é..., nesse caso, você foi iniciada de que maneira, com qual grupo?

Maria da Luz: Ó, na verdade, os grupos passaram a fazer parte porque dispersou interesse que o movimento era muito unido, é.. era interessante ter acompanhamento de algum grupo e os grupos passaram a fazer parte do movimento, mas não iniciou diretamente com um grupo. Na verdade, é... juntaram algumas famílias que não tinham moradia decente, que moravam na beira linha embaixo de barracas, essas coisas. E os outros que viviam de aluguel como a minha família, meu irmão, então fomos reunindo e daí surgiu a necessidade... teve um advogado, que eu não me lembro o nome, hoje, que orientou: "vocês é um movimento tão forte por estar pleiteando moradia, por que que vocês não reúnem e faz essa reivindicação (?) juntos?" E a partir daí, foi que iniciou esse movimento, a igreja veio, vieram os partidos políticos nos orientando como fazer, corretamente, as reivindicações.

Giselle: Entendi, então, na verdade, foi um movimento mais espontâneo dessas famílias que precisavam de moradia e, depois, de alguma maneira, vocês receberam o apoio, né, dessas outras (palavra inaudível)

Maria da Luz: Exatamente, exatamente.

Giselle: Perfeito. E você chegou a ser moradora do Fernão Dias, é isso mesmo?

Maria da Luz: Eu sou moradora do Fernão Dias e antes de vir estar aqui, eu morei numa parte do Fernão Dias, onde era um momento que a gente evadia um... a gente invadia os locais e construía onde não tinha um dono aparentemente e na época o terreno era do Lucianinho, foi onde o movimento se fortaleceu porque a gente construiu, veio a polícia, tirou um grupo de 5 ou 10 pessoas e nessa tirada violenta eu tive um aborto por violência e aí foi o que nos fortaleceu e a partir de então foram os grupos se unindo do norte, do leste e fizemos esse movimento que hoje já está meio que desfalecendo aí.

Giselle: Me conta, então, esse período que vocês passaram nessa ocupação dessa área que você mencionou que... é, foi uma ocupação, de fato né. Quanto tempo vocês passaram lá antes de a polícia desapropriá-los?

Maria da Luz: Uns quatro meses.

Giselle: E a ideia, Maria da Luz..., só para a gente entender melhor assim. A ideia era de vocês morarem lá ou era mais para uma visibilidade, assim: "nós precisamos de moradia, a gente está acampando (inaudível)

Maria da Luz: Era morar mesmo. A gente não tinha moradia nossa... a gente vivia pagando aluguel nas vilas, então, esse local foi o primeiro local onde nós construímos, de fato, para morar.

Giselle: E me conta como era essa sua casa. Como foi esse processo de construção (?) e como era a casa em si. Tinha um cômodo, dois cômodos...

[Habitação]

Maria da Luz: Dois, dois cômodos. É... construído com tijolos... desses tijolos de cimento para ser uma construção rápida, juntava todo mundo, construía para um, abrigava naqueles espaços que ainda não tinham e, bem ao lado construía para o outro. Era assim, já um início de mutirão. Porque era um grupo que construía e passava a construir a do outro.

Giselle: Entendi, e morava você com mais alguém? Você morava sozinha? Como que era essa relação com (restante inaudível)

Maria da Luz: Eu tinha... eu já tinha meus dois filhos e estava grávida e ainda nem sabia. E meu irmão que estava sempre com a gente e o Micanur que sempre tomou a frente desse processo.

Giselle: Entendi, então, assim, existia, então uma série de famílias que antes moravam em vilas e pagando aluguel numa condição, provavelmente, mais precária, né, você mencionou, e aí vocês foram para essa ocupação para ter uma casa, uma moradia própria.

Maria da Luz: Exatamente, foi mais ou menos ali próximo à rua Ferreira dos Santos que iniciava no Pirajá, tinha um tio meu que morava lá e a gente morava todo mundo dentro da casa dele. Aí, foi assim que surgiu a necessidade da gente construir um espaço para ficar.

Giselle: Nossa, perfeito esse relato, assim, porque é bem diferente de cada conjunto que a gente vai. As histórias, elas são todas de luta por moradia, mas a condição de cada pessoa é diferente. A gente não tinha escutado relato de alguém que morou em uma ocupação, então foi muito interessante você falar isso pra gente, esclarecer esse ponto. É... então depois que a polícia tirou vocês, depois desses quatro meses vocês começaram essa luta né, mais, é... forte em relação à moradia, mas, você, propriamente, você foi morar aonde, nesse meio tempo, até conseguir mesmo o conjunto Fernão Dias?

Maria da Luz: Primeiro, eu fui morar na vila Boa Esperança, no Dom Silvério. Morei lá por um período de uns oito a dez anos, meu casamento acabou e eu fiquei com meus filhos pagando aluguel já cá no São Gabriel, daí eu conheci uma outra pessoa, nos casamos e eu fui morar em Santa Teresa. Lá eu morei vinte e sete anos e de lá não perdi o foco, continuei participando de... já tinha se organizado uma reunião, meus irmãos, o Isaías e o (Nome inaudível) fundaram uma creche e desta creche que era a Associação Santos Anjos, Creche Santos Anjos foram ganhando visibilidade e, aí, sim que os partidos políticos tiveram interesse de nos acolher para estar orientando ou, é, não sei bem como eu digo isso, se era orientando ou dando força ao movimento.

Giselle: Entendi, e você mencionou que hoje em dia você acha que esse movimento, ele tá desfalecendo. Explica isso para a gente assim.

Maria da Luz: Por que que eu tenho essa impressão?

Giselle: Uhum.

Maria da Luz: Porque iniciamos com o OPH, orçamento participativo. E, após a construção de alguns residenciais pelo orçamento participativo, o nosso foi o primeiro em autogestão. É... começamos a pleitear que invés (inaudível) da prefeitura só, que não estava dando conta de atender a tantas famílias, surgiu a ideia de reivindicar que o governo federal também participasse com uma cota para que esse movimento desenvolvesse mais e acolhesse mais famílias, porém, a partir desta, como é que eu digo, deste acolhimento do governo federal, eles modificaram a política habitacional, veio esse projeto PAR, em seguida, veio depois esse projeto "Minha Casa Minha Vida" e com isto, nós temos, por exemplo, nas associações as quais eu faço parte que eram quatro ou cinco, nós temos unidade... a associação Fernão Dias que foi fundada por mim, tem cinquenta e nove unidades e tínhamos inscritas quase quatrocentas famílias, desde 2003, e, até hoje, essa comunidade (?) não foram encaminhada..., família nenhuma foi encaminhada para estas unidade do OPH. E a partir de então, que agora que eu digo que está desfalecendo é que a prefeitura passou a exigir das associações que tivessem documentação como se fosse uma empresa, e com isso, muitos núcleos, inclusive o meu, não deu conta de manter a.. os documentos em ordem, porque antes a gente registrava a ata com os associados assinando e tal, a partir de então passou a ter outros, outros dispositivos exigidos e não, não foi possível, não foi possível. Há uns sete anos, eu saí da associação porque tive problema de saúde, ficou um outro grupo cuidando dela e ela está com os documentos ilegais, não está funcionando, ou seja, eles continuam reunindo, mas não tem os requisitos que a prefeitura, hoje exige para receber as unidades que foram conquistadas através de assembleia porque, não sei se você... alguém te contou que para conquistar os, às unidades a gente tinha que fazer uma... participar das assembleias e, conforme o número de associados que a gente levava a essa assembleia é que era o número de unidades que a gente conquistava. Então, tem unidades desde 2003, tem de 2003, 2006, 2009 que até hoje não foram disponibilizadas, e aí, o que que acontece, as famílias vão deixando de ir à reunião porque ficou por anos participando das reuniões e não recebeu a unidade, então é uma coisa que eu digo que está desfalecendo de verdade.

Giselle: Nossa, a sua explicação foi excelente, é, a gente sabia né, dessa questão da, das conversas que tinham no conselho e aí, quando você fala dessas assembleias são as assembleias do conselho para tentar os recursos do orçamento participativo da habitação?

Maria da Luz: Exatamente! Eu fazia parte do conselho e fui membra do conselho por quatro mandatos e lá dentro passaram a se discutir mais política do que as unidades em si. Tanto que no meu entendimento, o conselho perdeu força, é, porque a gente [inaudível], a gente costumava falar, desculpe eu falar "a gente" é porque no movimento a gente fala muito assim. A gente tinha uma meta que mostrava aos nossos associados uma folha de papel sozinha, qualquer um partia, rasgava em pedacinho e que um, na época era esse, essa listagem da telemig, esses catálogos [inaudível] podia pegar e tentar partir dois, três, que não partia e, assim, a gente mostrava que a gente tinha que unir forças porque se a gente tivesse junto, era mais difícil do movimento acabar e foi o que vem acontecendo.

Giselle: É, explica para a gente, então, um pouco melhor, como que foi, desse momento que vocês estavam ocupando né, vocês enquanto um grupo de pessoas que estavam requisitando moradia na cidade, mas, até então, não muito organizados, vocês passam então a ter esse diálogo com o poder público, dentro do conselho, dentro dessas discussões de recurso do OPBH (?), qual que foi a importância desse movimento de moradia para a criação dessas instâncias de participação e disputa, a gente queria entender melhor isso, assim, como que se deu esse ambiente e como que o próprio movimento contribuiu para essa... para esse diálogo, né que começou a ser aberto, sabe, que não existia.

Maria da Luz: Na verdade, na verdade, quando acampamos à porta da prefeitura e na Igreja São José e em outros lugares porque aí foi espalhando mais regiões, o poder público entendeu que tinha que nos ouvir e através... chamou-nos para uma reunião e através dessa... dessas reuniões foi que surgiu o conselho da cidade, através das plenárias que foram sendo criadas... a gente tinha... ia ônibus e mais ônibus de associados para essas plenárias, e, lá surgiu a criação do conselho. Para ser eleito membro do conselho você tinha que ter um grupo muito forte que te apoiava, e, a partir daí, o conselho foi tomando direção e trazendo uma destinação específica para as construções, para atender essas famílias que na verdade, não existia ainda nem o atendimento a essas pessoas da área de risco, ainda não existia. A partir de então, foi que foi se organizando e o poder público passou a ouvir mais as entidades.

Giselle: Perfeito. É.. e em relação à autogestão, como que o movimento se envolveu com essa causa da produção por autogestão, como que vocês conheceram isso e por que que estavam requisitando moradia a partir da autogestão?

[Fase de Obra]

Maria da Luz: Olha, como o recurso não era grande, não estava bem disponível porque construíam as unidades, gastava muito dinheiro, aí o poder público trouxe um modelo, me parece que... não tenho bem certeza, mas me parece que veio da França, de autogestão, que se todo mundo trabalhasse construindo a verba dava para ter melhoria na qualidade e isso agilizava o processo de construção, então o nosso foi o primeiro, foi a primeira experiência em autogestão. Foi esse residencial Fernão Dias, onde vieram 144 famílias, a gente trabalhava feriados, finais de semanas, todo mundo, cada um na sua função, tinha quem não podia fazer o serviço mais pesado, ficava

distribuindo água ou café ou alguma coisa assim, mas a gente trabalhava mesmo batendo carrinho de terra, massa, concreto, todo mundo fazia o serviço de pedreiro e ajudante de pedreiro.

Giselle: Entendi, é, a gente... eu quero entender depois um pouco melhor sobre esse momento da obra, mas antes eu vou te perguntar outras questões relacionadas mais a esse momento de organização mesmo do grupo para eu me situar. Então, naquele momento você fazia parte de qual movimento, como que vocês se denominavam, como que vocês se chamavam, assim, entre si? Era movimento de moradia, mas depois você falou de associações... eu queria entender esses nomes.

[Fase de Mobilização]

Maria da Luz: É, passou a ser um movimento de moradia, foi cada um registrando uma associação porque através da associação é que era deliberado os recursos, por exemplo, essa associação que juntou... de cada núcleo saiu um número de associados para o residencial e, daqueles associados que vieram para aqui tiveram, se criaram (?) uma associação para administrar os recursos que iria gerir a construção.

Giselle: Entendi. Então tinha... tinha um movimento de moradia que estava acontecendo na cidade inteira, que era esse das ocupações, das manifestações lá na igreja dos acampamentos. Depois, isso se transformou nos núcleos de moradia por regionais. Se eu estiver errada, você me corrija, viu, Maria. E, depois, então, vocês, esses núcleos, eles foram desmembrados, né, de alguma maneira, assim, uma porcentagem do núcleo, por exemplo, de uma determinada regional foi compondo isso que virou associação do Fernão Dias, é isso?

Maria da Luz: Exatamente.

Giselle: Perfeito. Então, porque pra mim, assim, era difícil de compreender isso, mas à medida que eu vou conversando com as pessoas, eu estou entendendo melhor. E aí como que foi essa decisão de pessoas que estavam nesse núcleo maior da regional passaram a compor esse... essa associação do Fernão Dias. Quem que decidiu sobre isso, como que essas famílias, elas... é, eram direcionadas para as associações do Fernão Dias, especificamente.

Maria da Luz: É... cada núcleo, como eu disse que eu tenho várias unidades do OPH para serem, ainda, encaminhadas às famílias, cada grupo tinha um número de unidades, e, dentro daquele núcleo fazia-se o sorteio. Aquele que era contemplado ia para a unidade "x", no caso, Fernão Dias. Então, veio de várias associações, vieram várias pessoas. Aqueles que vieram foram que formaram uma nova assembleia, ou seja, daqueles que já tinham uma moradia para constituir a associação e a gerir a construção.

Giselle: Entendi. Perfeito. E aí, isso tudo foi votação, né? Esse grupo desses 144 que você mencionou, vocês votaram quem que seria, por exemplo, a diretoria...

Maria da Luz: Quem seriam os diretores, porque toda associação tem um presidente, um vice, um secretário, um vice-secretário, um tesoureiro, vice tesoureiro e os fiscais, que formaram aquele grupo foram votados.

Giselle: Perfeito. Aí vocês faziam as assembleias para tirar essas pessoas né, tirar os nomes.

Maria da Luz: É, exatamente. Para serem, aqueles formavam uma chapa sempre como todo setor que tem votação, um grupo formava uma chapa, outro formava outra e aquele que fosse mais votado é que assumia.

Giselle: Ótimo, e para eu entender, no núcleo de moradia da regional, você ocupava qual papel? Você era uma liderança lá dentro?

Maria da Luz: Da regional ou do residencial você está perguntando?

Giselle: Primeiro da regional e depois eu quero entender no residencial.

Maria da Luz: Da regional, eu era... eu fazia parte de uma associação chamada Associação Fernão Dias e Adjacentes (?) e era unida com a associação Novo Mundo, com a Associação Santos Anjos, com a Associação..., é, ah... tem mais umas três Associações que eu não lembro o nome exato agora, que fazia parte daquele grupo mais coeso.

Giselle: Uhum, perfeito. E aí, você chegou a ocupar na diretoria algum cargo?

Maria da Luz: De... dessas associações?

Giselle: É, e depois na Associação do Fernão Dias, do residencial também.

Maria da Luz: Na associação Fernão Dias e Adjacentes eu era presidente, aqui no residencial, no primeiro momento não, no primeiro momento eu não fui, não era membro da associação direta, não era... fazia parte da diretoria, posteriormente, como levaram mais de dois anos a construção, quando teve nova eleição, aí, sim, eu fazia parte como vice da senhora Selma.

Roberto Estaáquio: Eu queria, é..., esse tipo de organização, Maria da Luz, é..., quem é que definiu, foi o próprio grupo que foi desenvolvendo essa maneira de fazer as representações políticas dentro da associação?

Maria da Luz: Olha, este... estes grupos tinham que ter uma diretoria, na verdade, porque eram muita gente e através de núcleo um (?) e para conquistar as unidades, tinha que ter um grupo organizado porque cada associação recebia um número de unidades, de acordo com a quantidade de associados que ela levasse na assembleia, então...

Roberto Eustaáquio: Vocês chegaram a ter que fazer um curso de formação de liderança, alguma coisa é... nesse tipo?

Maria da Luz: A princípio, não, depois, quando... já mais organizado, aí, sim, quando o poder público já estava mais interessado em realmente tocar para frente as construções, aí, sim, surgiu os cursos, alguns cursos de liderança, mas, na verdade, eu vou contar para o senhor. Nesses cursos, a

única coisa que a gente aprendia era o que a gente já tava entendendo, que ser unido é que fazia a coisa fluir, que não adiantava um puxar para um lado, outro para outro, porque aí só dificultava as conquistas.

Giselle: Achei bem claro agora... pra entender o contexto geral..., é... Maria, vou.. pergunto para você algumas coisas relacionadas à sua casa hoje em dia no residencial Fernão Dias, e depois a gente volta nessas questões da obra também e da participação. é... hoje, quantas pessoas moram com você aí no Fernão Dias?

Maria da Luz: No residencial ou na minha casa?

Giselle: No residencial... é porque você tem duas casas? Isso que eu queria entender.

Maria da Luz: Não tenho duas casas. Isso eu perguntei no residencial porque no residencial são 144 apartamentos, todos ocupados, todos ocupados.

Giselle: é... Na sua casa mesmo.

[Habitação]

Maria da Luz: Na minha casa mora eu, meu neto e hoje mora meu filho que faz um tratamento e gente optou por estar juntos, ele faz, como eu falei, que eu não recebo visita porque ele faz hemodiálise então ele precisa de maiores cuidados e foi um dos maiores guerreiros aqui na luta da construção. Ele tem... ele tem o apartamento dele e eu tenho o meu, mas estamos juntos no mesmo local porque, por necessidade. Aliás, o meu é no quarto andar, mas como o meu joelho não consegue mais subir as escadas, eu troquei com ele. Em 2011, passei a morar no dele e ele no meu, mas ele teve um acidente de moto, bateu com uma carreta e daí surgiu a necessidade desse tratamento longo e que é outra história a ser contada em outro momento.

Giselle: Sim... não, então, entendi. Você conquistou a sua moradia e o seu filho também conquistou a moradia dele nesse processo, né, de autogestão, e hoje mora você, seu filho e seu neto.

Maria da Luz: Exatamente.

Giselle: Desde que você mudou para o conjunto, a sua família, ela sofreu alterações, ou seja, tinha menos pessoas, você falou disso, né, você antes, não vivia com seu filho e passou a viver, mas na sua casa, seu apartamento original, é... tinham outras pessoas ou você vivia sozinha?

Maria da Luz: Tinha minhas outras duas filhas, que casaram. Cada uma mora num lugar, cuida da vida delas lá e tocamos a vida.

Giselle: Perfeito. E, além do seu filho, mais alguém da sua família chegou a participar do processo?

Maria da Luz: Todos eles participaram, porque onde... onde a gente entende, que faz sentido, a gente procura trazer todos da família para batalhar para lutar por um interesse comum, e foi o que

aconteceu, é... a.. passaram a fazer parte das associações como associado, como dirigente e, assim, batalharam na conquista do todo para... não do Fernão Dias porque a gente já estava no Fernão Dias, era para outras conquistas.

Giselle: Ótimo, então todo mundo de alguma maneira juntou, né (complemento de frase inaudível)

Maria da Luz: Contribuíram... tanto eu que a... a minha... o meu TCC de conclusão de curso, eu fiz sobre o orçamento participativo e uma das coisas...

Giselle: Qual sua área, Maria? Desculpa, qual sua área de formação?

Maria da Luz: É... eu sou bacharel em Direito.

Giselle: Ah, perfeito. É porque eu não perguntei antes... ótimo.. Desculpa te interromper.

Maria da Luz: Não... é que eu achava uma imprudência do poder público pegar, por exemplo, tinha um residencial construído lá no Barreiro, outro aqui na Nordeste, outro em Venda Nova e eles mesclavam as famílias. Tiravam famílias aqui da região Nordeste, mandava lá para o Barreiro, tiravam famílias lá do Barreiro e mandavam para aqui e isso me incomodava, extremamente, porque as famílias, normalmente, famílias de baixa renda tem um familiar que cuida dos filhos enquanto ele trabalha, ou um vizinho que cuida dos filhos enquanto ele trabalha, e, ao ser tirado da região onde vive, tirava essa estrutura dele, então, não era... não era mesmo uma coisa razoável. Eu... eu pontuei isso muito nas reuniões, como não fui mais... não foi ouvido... não foram... não entenderam... eu quando fiz meu artigo eu fiz questão de pontuar isso, porque não eram poucos os apartamentos que você encontrava habitados só finais de semana, porque a família tinha o apartamento mas não tinha condição de deixar os filhos com ninguém num lugar desconhecido para ir trabalhar. Então, eles continuavam morando nas vilas e o apartamento eles ocupavam só nos finais de semana, então foi o argumento que eu usei no meu artigo para mostrar que existiam algumas coisas que precisavam ser ajustadas. E, infelizmente, o modelo veio... foi, como eu disse, desfalecendo.

Giselle: É... isso era uma desconfiança que eu já tinha, sabe? Na hora que eu te perguntei disso né, dessa organização aí, das famílias que acabaram compondo as associações residenciais, era muito nesse sentido que eu queria entender, porque a princípio vocês fazem parte de uma luta de núcleo de moradia de uma regional, né. E, depois, essa regional, ela desmembrada, ela é fragmentada, e...

Maria da Luz: Exatamente, essa fragmentação é que causava esses danos que eu acabei de te contar.

Giselle: Certo... Depois você podia muito passar esse texto para a gente, hein, Maria da Luz. Se você tiver acesso a ele..

Maria da Luz: É... é.. eu tenho... eu fiquei porque eu fui imprimir no dia da apresentação uns três, mas teve uma pessoa lá da Suécia que levou... que estava presente na PUC, pediu se eu doava, eu doejei, mas eu tenho um... deve ter na memória do computador, não sei, mas tenho um, se você

quiser pode utilizar... seguinte... eu posso... você pode... o que você quer que eu faça? Peça para escanear e te envio, alguma coisa assim...

Giselle: Eu vou fazer o seguinte: eu vou fazer uma busca pela internet porque, provavelmente, no acervo da PUC, isso deve estar registrado na biblioteca (restante de trecho inaudível)

Maria da Luz: É, eu formei em 2012.

Giselle: Ah, então um pouco (?) recente. Eu também formei nessa mesma época... é, de todo, se eu não conseguir, eu entro em contato com você, se você tiver o arquivo... é... isso, o arquivo online, né, ou no computador, a gente...

Maria da Luz: (Frase inaudível). O que eu tenho certeza é que eu tenho ele físico guardado.

Giselle: Perfeito. A gente vai no conjunto, aí, no residencial Fernão Dias na quinta-feira para conversa com a Luzia e eu poderia levar um pen-drive, assim. A gente nem precisa ter contato, mas eu te entrego um pen drive e você salva para mim, se for possível.

Maria da Luz: Na verdade, não está virtual, ele está... eu poderia até deixar com a Luzia... vocês... pelo celular, vocês escaneavam e deixava o... tá e deixava para me devolver.

Giselle: Perfeito. A gente faz isso, então. Vamos deixar assim, combinado e de todo, se eu encontrar na internet, no acervo da biblioteca da PUC, eu te aviso e aí você não precisa nem se dar esse trabalho, mas eu acho que vai ser ótimo poder ler essas suas impressões, de toda forma. E, então, deixa eu entender melhor, assim. Vocês decidiram que seria organizado, vocês enquanto movimento de moradia, decidiram, você foi voto vencido pelo o que eu entendi em relação a essa fragmentação, mas isso veio do poder público ou veio da própria... do próprio movimento dentro das discussões [inaudível] eu queria entender melhor isso, assim.

Maria da Luz: Na verdade, veio do poder público, é... na pessoa do... da entidade conselho, porque a gente pleiteava muito, falava "gente, não é justo vocês tirarem uma família da regional Nordeste e mandar para a região do Barreiro ou para Venda Nova, porque cada pessoa tem a sua estrutura familiar, de trabalho ali naquela região, se vocês fazer isso, vocês estão desfacelando, isso vai perdendo sentido, mas não fomos ouvidos. Na verdade, foi sempre assim, é... "ah, não mas a entidade "x" tem direito a duas unidades lá e a entidade "y" a duas unidades lá" e assim foi. Na verdade, acho que teve mais dois conjuntos do Serrano e um outro, construído em autogestão, mas mesmo os construídos pelo poder público, sem ser autogestão, eles primavam por isso: por tirar família de cada regional para ocupar aquele residencial.

Giselle: Entendi, e você acha que isso era uma estratégia do poder público de contemplar todo mundo assim? De todo mundo, de alguma maneira, ter uma parcela de atendimento?

Maria da Luz: Olha, eu... pode ser que eles tivessem esse entendimento, mas, é... não muda se "x" famílias da regional Nordeste forem atendidas no residencial construído na regional nordeste e "x"

famílias do barreiro fossem para o barreiro, não tirava o atendimento de ninguém, ou seja, só deixava a família localizada no núcleo central onde eles já tinham uma ligação de estrutura.

Giselle: Certo, certo. É... Maria, eu queria saber melhor, assim, a sua habitação hoje, a sua moradia hoje, ela é própria, você já conseguiu quitar as parcelas, ainda está pagando. Como que é?

Maria da Luz: Olha, é... na verdade, as parcelas normais eu já quitei e estou pagando um período que eu fiquei afastada de três anos, que eu fiquei sem trabalho, eu negocieei... na verdade, eu reclamo muito isso, estou falando que negocieei com o financeiro da secretaria da habitação para que essas parcelas, eu pagasse posterior, assim que eu terminasse de pagar as normais, eu continuaria pagando essas parcelas desses três anos, porém, como a secretaria da habitação perdeu comendo para URBEL eles mudaram todo o entendimento, nada que foi feito pela secretaria da habitação tem validade, eles tomaram outros critérios, tanto é que eu negocieei com eles recente, foi quando eu terminei de pagar as parcelas normais, porque as outras parcelas que eu tinha negociado com a secretaria da habitação mandaram para dívida ativa, não cumpriram o acordo que eu tinha feito com a secretaria da habitação através da Tânia, que trabalhava no financeiro. Então, aí, mandaram cartas e cartas das parcelas que estavam na dívida ativa, aí eu negocieei e estou pagando, continuo pagando, faltam 5 mil, estou pagando cento e poucos reais por mês, porque eu falei "Olha, eu não vou pagar mais do que isso, porque não é possível dentro do meu orçamento" e continuo pagando e vou pagar até terminar de pagar essas parcelas que eles mandaram para dívida ativa.

Giselle: Entendi. E você, então, não tem escritura, né? Enquanto não finalizar o pagamento.

Maria da Luz: Deixa eu te contar... é uma coisa [inaudível], na verdade, ninguém tem uma escritura definitiva, eu falo muito isso com todo mundo que já terminou de pagar, que já pegou o documento. Não é uma escritura, de fato. É um documento que mostra que concluiu o pagamento, mas não é uma escritura que diz: o apartamento "x", localizado na rua "x" é de propriedade de tal. Tanto que eu questiono muito através do pouco conhecimento que eu tenho, como que se diz que o apartamento é do fundo municipal de habitação e quem foi para a dívida ativa foi o meu nome?

Giselle: Entendi, é uma divergência né.

Maria da Luz: Não é?! É uma... uma... não faz sentido. Mas como uma andorinha só não faz verão, eu continuo pagando as parcelas com todos os juros impostos até terminar de pagar, porque assim, eu quero ter o prazer de ter quitado meu apartamento.

Giselle: Sim, e.. essa situação de ser do fundo municipal da habitação, né, esse residencial como um todo. Você acha que as outras pessoas também têm consciência disso... que não é uma escritura?

Maria da Luz: Não tem. Quando você tenta mostrar para alguém que isso não é uma escritura, assim, "Olha, isso não é uma escritura", eles acham que você está delirando. A palavra mais simples.

Giselle: Entendi, então são poucos, né, que tem consciência ainda, assim.

Maria da Luz: [Frase inaudível]. À medida que eles vão lá e pegam o documento de quitação do bem, eles entendem que é a escritura.

Giselle: Entendi. É... e em relação às reformas, assim, depois que você conquistou, então, a moradia, passado esses anos todos, você chegou a fazer algum tipo de reforma, de alteração? Primeiro, assim, como foi entregue esse apartamento para vocês e, depois, se você fez alterações.

[Fase de Pós-Ocupação]

Maria da Luz: É... foi entregue no reboco... rebocado. O banheiro com... com cerâmica até no meio, como os demais, e a chave foi entregue para que cada um desse acabamento no seu... no interno não tinha o acabamento. Inclusive, até hoje tem família dando... é... esse acabamento que não deu conta de dar neste período e algumas famílias alteraram alguma coisa, por exemplo, o meu... o apartamento do meu filho onde estou hoje, ele aumentou o banheiro, diminuiu um quarto para aumentar no banheiro... o banheiro era muito pequenininho. Ele fez, como muitos outros, uma... um balcão da cozinha para a sala interligando a cozinha com a sala e, diante disso, outras famílias também fizeram alguma coisa parecida, mas a estrutura em si dos apartamentos não foi muito alterada.

Giselle: Entendi, mas essas alterações de revestimento né, de acabamento?

Maria da Luz: É.

Giselle: Ótimo, em relação a convivência com os vizinhos, assim, não no período da pandemia porque a gente sabe que na pandemia as pessoas estão mais afastadas mesmo e tem que ser assim, mas antes, como você... você convive com seus vizinhos, normalmente. E qual é essa relação? Você acha que é uma boa relação ou você não tem muita proximidade com eles? Explica isso.

[Relações de vizinhança e ações comunitárias]

Maria da Luz: Olha, na verdade, as famílias de origem que vieram para aqui, a gente se entende como se fosse parte de uma família, de uma mesma família. Existem casos de... o proprietário faleceu, vieram outras famílias que [inaudível], não faziam parte do núcleo da gente, do contexto de... de ligação mesmo. Então essas, essas outras famílias que vem ocupando, que vem herdando, na verdade, é que o relacionamento não é tão intenso quanto os que a gente convivia, de fato. Porque as famílias que a gente convive, de fato, por exemplo, no meu bloco aqui, a gente só tem duas pessoas que não foram da época da construção e, graças a Deus, eu tenho um bom entendimento com todo mundo, tenho um bom entendimento, mas a relação mais... mais de vínculo mais forte são com as famílias que trabalharam com a gente aqui.

Giselle: Entendi, então permaneceu, de alguma maneira, essa convivência que vocês tinham durante os mutirões e agora ela permaneceu até hoje, né.

Maria da Luz: Exatamente, exatamente.

Giselle: E... Maria, você saberia me dizer, mais ou menos, quantos por cento das famílias originais ainda estão aí no conjunto, assim, estimado. Tipo "Ah, 50%, 60%".

Maria da Luz: Ah, eu acho que 70% [restante de frase inaudível]

Giselle: Tá, legal. Acho que a gente já tem uma noção, assim, de quantas ainda estão por aí. É... e vocês tem alguma atividade, de novo, antes da pandemia, né, porque agora está tudo mais restrito. Tinha alguma atividade em grupo aí no conjunto, por exemplo, alguma atividade religiosa, assembleias, conversas, festas?

Maria da Luz: Olha, tinha um... um apartamento que a gente chamava de centro sócio... é com a... a pessoa teve problema de saúde, é... e foi morar em outra cidade . Esse apartamento, o poder público deu permissão de uso... era onde a gente encontrava para fazer as reuniões, as discussões, era onde tinha vários computadores que tinham cursos para os alunos... filhos do residencial ou mesmo adulto que interessava, mas este... esta finalidade terminou ou a família, filha de alguém do residencial comprou este apartamento e, aí, moram também os netos e os filhos. E hoje eles fizeram... agora, nesse fim da pandemia, eles fizeram uma festa das crianças no pátio, alguém doou os brinquedos, quadra de futebol de sabão e tal e passaram um dia festejando. Mas não é mais... não tem mais a frequência que tinha porque a gente fazia muitas... muitos encontros aqui, de verdade... um dia de canjicada, outros de caldo, outros de cachorro quente, mas ainda tem um pessoal da igreja evangélica... antes da pandemia, até durante a pandemia quando tava no início, reunia aqui... reuniam com as crianças aqui no pátio e faziam algumas atividades. Agora, nesse período, está mesmo estagnado, sem nenhuma atividade.

Giselle: Entendi. E você mencionou que você fazia parte ou ainda faz parte de quatro movimentos... é... quais que são eles? [Restante de frase inaudível]

Maria da Luz: Associação Fernão Dias e Adjacência, Novo Rumo, Novo Rumo 1, Associação Nossa Senhora da Luz e Associação para Vencer. E são pessoas que eram bastante ligadas a gente e a gente ainda tem... eu sou considerada membro desses núcleos. Não é nem membro físico, eu sou considerada como [inaudível] desses grupos.

Roberto Eustaáquio: Honorário?

Maria da Luz: É. Que eram grupos que o Micanor dirigia e foi distribuindo... é como se ele formasse novas lideranças e, como tinha muitas famílias no núcleo, dividiam em subnúcleos, e aí a gente fazia... sou considerada ainda. E, em todos esses residenciais construídos pelo município, eu tenho alguma família lá.

Giselle: Até hoje você, então, tem vínculo.

Maria da Luz: Tenho.

Giselle: Ótimo, e você tem algum envolvimento com esses movimentos nacionais, como a União Nacional de Moradia Popular?

Maria da Luz: Não, hoje não. Hoje, como eu te disse, eu me afastei em 2014, eu tive uma crise de saúde, fiquei internada um período e o médico falou: “Olha, tira o pé do acelerador se você quiser viver um pouco mais”. Então, aí, eu vou em algumas reuniões como visita, não faço parte, diretamente, mais.

Giselle: Certo, e, hoje em dia, tem alguma liderança no conjunto... um síndico que exerce essa função de organizar quando tem algum problema, ir lá e resolver ou cada um cuida...

Maria da Luz: Olha, nós temos... cada bloco tem um síndico. É, neste bloco meu aqui... são nove blocos dividido em três... são três do lado de lá, três da frente e três. Tem a Luzia, que faz parte do grupo de lá, tem a Cleia que está como síndica geral, que é deveria cuidar do [inaudível] externo e cada bloco nosso aqui, tem o seu síndico e um administrador geral. Mas, infelizmente, eles não se entendem muito bem, assim, no sentido administrativo. O síndico geral acha que ele tem obrigação de cuidar bonitinho só dos três blocos de onde ele era síndico daqueles três blocos... não entende que se ele era síndico geral, ele tem que cuidar do todo. E isso são coisas que a gente não consegue muito direcionar, mostrar para eles, porque, por exemplo, se eu tivesse saúde e falasse assim: “Olha, não é assim que faz, eu vou entrar com vocês, vou te mostrar... administra assim e vamos fazer assim, [restante inaudível]. Por enquanto, estão... até o dia que você conversar com a Luzia, você vai ficar sabendo disso, eles estão pretendendo contratar uma administradora que administre, de fato, sem interesses próprios.

Roberto Eustaáquio: É... Maria da Luz, essas pessoas que hoje... são síndicos e estão envolvidas na administração do condomínio, elas participavam lá das... participaram da luta pela moradia, porque a Luzia me parece que sim, mas e outros? A pergunta, no fundo, é a seguinte: você vê alguma ligação entre ter participado da luta por moradia e saber conduzir democraticamente as decisões do grupo?

Maria da Luz: Exatamente isso que eu ia dizer... A Luzia, sim. A Luzia participou e ela sabe das... de como conduzir as questões. Aqui, está a síndica geral, ela nem nunca veio aqui na época da construção, marido dela, sim, vinha. Ela não vinha, então ela não tem essa interação. Ela se dá ao direito de ir na porta de “a” de “b” e de “c” e lavar roupa, roupa suja que lava no... Então, isto é, pessoa que não participou, de fato. Não fez parte desse movimento, não interagiu, não sentiu o que que era estar junto. Porque não adianta eu estar perto se eu não estou junto. A outra que é síndica do meu bloco, sim, ela também trabalhou muito aqui na construção. Ela... é... a administradora é filha de uma que trabalhou, mas a que é administradora geral desses três blocos, mas ela nunca esteve... ela formou, criou uma administradora e pegou para administrar como profissional, não tem esse vínculo que a gente tem.

Giselle: Ótimo, é... e Maria, caso algumas dessas famílias que compuseram as 144 do residencial Fernão Dias, elas chegaram a ser substituídas ao longo da obra, por exemplo?

Maria da Luz: Chegaram? Eu não entendi a pergunta, por favor.

Giselle: Porque, em alguns conjuntos a gente tinha, por exemplo, as famílias lá que compuseram a Associação do residencial substituídas porque elas, ah, cansaram da luta ou porque não tinham determinados documentos para comprovar junto à prefeitura, junto a outros órgãos e aí, eu queria saber se no Fernão Dias isso aconteceu ou se as 144 originais, elas continuaram até o final da obra.

Maria da Luz: Não. Teve família que foi... chamava "excluída", foram excluídas algumas famílias que não cumpriram os requisitos da associação, porque quando a associação é... é fundada, no estatuto dela fala "tem que participar de todas as... as... como que eu digo... todos os dias de trabalho que tem, tem que contribuir com "x" que é para o café da manhã, o almoço e tal, etc que fazia aqui durante o período. E as famílias que faltassem, sem justificativa por três ou quatro vezes, eram excluídas, é... teve algumas famílias que foram excluídas por essa razão. E teve uma outra família que foi excluída, que Deus a tenha, por outras razões, é... já puxada para a questão administrativa, que eu não gostaria nem de salientar porque é uma questão que tá na justiça e não cabe a mim dizer, certo?

Giselle: Não... é mais para entender mesmo... então, a Associação tinha critérios e as famílias precisavam seguir, né, essas... essas regras...

Maria da Luz: É... muitas famílias que não seguiram esse critério perderam a unidade.

Giselle: Aham, é... deixa eu voltar aqui, então. Porque eu estou seguindo um roteiro para não me perder. Você já me contou como você se envolveu com a Associação, com o movimento de moradia, é... também... Ah, queria saber bastante, assim, a respeito da [inaudível] do terreno, como vocês chegaram nesse terreno no Fernão Dias, especificamente.

Maria da Luz: Olha, é... os núcleos foram pesquisando os locais que atenderiam esse número de famílias. Anteriormente, num primeiro momento, esse lugar seria ali onde... logo atrás do Minas Shopping, ali tem, hoje, um grande residencial. Seria ali. Por alguma razão a... foi mudado e eles indicaram esse terreno para que... para substituir. É, a verdade é: a política é ótima, todo mundo acha que é um bem, mas ninguém quer pobre morando perto deles. Então, a razão que nós paramos aqui, nesse setor, que quando a gente veio ver já falou: "Meu Deus do céu!". Isso era... fazia parte de uma área de preservação, inclusive atrás do residencial ainda tem um barranco lá que nós até que conquistamos no orçamento participativo para que eles tratem como um parque para cuidar, porque é um matagal e é barranco, mesmo. E as águas que correm de lá, passam por aqui, [inaudível] aqui. E aí, fizemos numa... no último orçamento participativo que eu participei de obras, a gente conquistou, na prefeitura, o direito de ser tratado. É... já tem projeto pronto, mas assim, como sempre eu digo, os lugares mais interessantes vão sendo cuidados primeiro, mas vai chegar a vez daqui, eu sei que vai. Os meninos que brincavam no campinho na época que a gente conquistou a unidade, hoje, já são chefes de família, de tanto tempo que estamos esperando a... a construção do parque, da pista de caminhada aqui atrás para melhorar o ambiente, porque, na verdade, quando veio ver falou: "Meu Deus do céu, mas vocês vão construir o residencial da gente nesse buraco?" "Ah, não, mas vai tratar assim, vai tratar assado". É... enfim, não temos uma área de lazer, tem uma área enorme lá atrás, mas que está só como uma das exigências que existem no estatuto da cidade, né, que não pode ocupar os espaços. Então, lá, porque não é... e aí a gente tem o critério de roçar e não capinar para os barrancos não descerem e tal e etc. Mas chegamos a esse terreno por esse meio.

Giselle: Uhum. Então, vocês não consideravam o terreno bom, a princípio. Esse novo terreno, né, que é o Fernão Dias.

Maria da Luz: A princípio não. A gente já estava com tudo encaminhado para começar a obra lá, próximo à pracinha, ali atrás do Minas Shopping. E aí, eles mudaram para entendimento entre...

não sei, assim, o poder público e transferiram para aqui. Como, na verdade, a gente queria era... a... [Interrupção], a gente queria moradia, viemos [inaudível].

Giselle: Entendi. Maria, eu acho que está dando um eco quando eu falo, não sei se tá com volume alto.

Maria da Luz: Para mim não está não, sua voz está saindo normal.

Giselle: Ah, então tranquilo. É... então, em relação ao terreno a gente compreendeu como que foi isso mas, assim, então, vocês não participaram, vocês, do movimento, não participaram dessa decisão desse novo local, né. Vocês queriam a moradia, já tinha passado muito tempo e a prefeitura apresentou esse terreno do Fernão Dias e vocês deram um "ok", né, foi mais ou menos nessa linha.

Maria da Luz: [Frase inaudível] onde não se entra num consenso, o poder público vence.

Giselle: Entendi, entendi como foi... É... em relação ao projeto, ao projeto do que seria construído dos apartamentos, do espaço como um todo... vocês chegaram a participar desse momento? Tinha arquiteto, tinha engenheiro conversando com vocês, como que foi isso?

[Fase de Projeto]

Maria da Luz: Participamos, participamos. Porque quando... quando definiu a verba para a construção foi contratada uma.... aí como é que chama?

Giselle: Assessoria?

Maria da Luz: É, assessoria, que era o Gutemberg e a Vera, dona da... da.... e de lá a gente passou a se reunir lá. Na rua da Bahia, ali, no edifício Maleta, onde a gente encontrava com os engenheiros, com os arquitetos. Enfim, o todo social, a gente encontrava lá.

Giselle: Entendi, e aí, o projeto, eles que apresentaram para vocês ou antes teve uma discussão, assim, alguma coisa como maquete que eles apresentaram antes e que vocês foram dizendo que queriam, como queriam. Como que foi esse processo da decisão do apartamento, que é o apartamento de hoje em dia, como que foi essa discussão?

Maria da Luz: Na verdade, com as discussões nós conseguimos que tivesse um quarto a mais porque eles queriam fazer apartamentos de dois quartos. E aí, a gente discutiu muito e mostrou como que uma família de "x" pessoas vão morar num apartamento com dois quartos. E aí conseguimos, já que a verba que a gente ia economizar trabalhando, que a gente economizava, que a gente trabalhava, de fato, o dinheiro que foi gasto aqui, mesmo, foi com assessoria técnica e com os engenheiros especializados, com pedreiro, é... servente de pedreiro. Quem cuidava da... tirar terra, levar terra, essas coisas daqui, foram os moradores que fizeram. Então, isso economizou muito gasto, e aí a gente falou: "Já que tem essa economia, nós podemos ter o apartamento, pelo menos, rebocado". Aí as paredes foram rebocadas pelo... no período da construção e aumentou um quarto, teve um quarto a mais.

Giselle: Entendi. É, então, a partir dessa... dessa negociação dos moradores com a Associação vocês conseguiram ter um quarto a mais, ou seja, um apartamento um pouco maior.

Maria da Luz: Exato

Giselle: Perfeito. Você lembra de mais alguma coisa que foi alterada, assim, a partir dessas discussões com os moradores?

Maria da Luz: Ai... deixa eu pensar... assim, no momento, não.

Giselle: Tá, é porque, às vezes, não teve mesmo, né. Às vezes, foi... só, realmente, o quarto. Estou perguntando porque, em alguns casos, nem houve alteração... o pessoal da assessoria apresenta o projeto e esse projeto, ele é votado pelos moradores e acaba indo da forma como foi pensado, mesmo, pelos... pela assessoria...

Maria da Luz: Uma coisa que a gente... foi através de voto, foi umas janelas mais amplas, também. Isso nós, foi através de votação. Nós tivemos, também, nós [trecho inaudível], na URBEL, até. O professor Antônio, não sei Antônio de que, aí da UFMG, fez um projeto para que a gente construísse lá atrás, onde tem uma área enorme, um espaço para festa, para... para administração num todo. Mas esse... a prefeitura, é URBEL, pediu esse projeto para ver e não nos devolveu. É um projeto que foi doado, ele fez tudo acompanhando as necessidades daqui e nós não chegamos a construir. A gente tinha esperança: "Ah, no decorrer a gente vai construir, vai fazer...", mas não alterou. Do jeito que foi construído, está e nós estamos morando aqui e a área lá atrás, que é de frente para a Jornalista Lemos, dava para fazer. Ele mostrou, ainda, que dava para fazer um prédio com algumas... uma sala grande para um escritório e um salão de festa, que atendesse a toda comunidade, mas não saiu do papel. Na verdade, é... eu tenho agradecimentos a essa entidade, porque os professores de lá nos deram uma força muito grande.

Giselle: Bacana. Então, você comentou desse projeto agora, né, desse [inaudível] e, também, dos espaços de lazer que, acabou que o projeto original, ele não contemplou... ele não tem essas áreas de convivência. Você acha que, assim, se, hoje, você fosse fazer o projeto do Fernão Dias, você acrescentaria essas áreas, você acha que o grupo, como um todo, pensaria que é necessário ter essas áreas de convivência, por exemplo?

Maria da Luz: Com certeza, com certeza. É uma necessidade... as crianças não têm onde brincar, nós não temos um estacionamento, tem o espaço para que se faça e não temos um estacionamento. Conclusão: as crianças brincam no meio dos carros aí no pátio, que é o único lugar que tem. Então, se fosse hoje, a gente pensaria, além da moradia, nessas necessidades, que precisam ter em um residencial desse tamanho.

Giselle: Ótimo, e em relação à moradia, você modificaria alguma coisa no projeto original, se pudesse ter outro projeto, tem alguma coisa que você acha que seria necessário de modificação?

Maria da Luz: Aperfeiçoamento, com certeza, poderia ter. Por exemplo, com o espaço que a gente tem, com as economias que foram feitas, daria para a gente ter uma cozinha maior, para a gente... daria para a gente ter um quarto maior, porque os quartos são muito pequenos. Mas, assim, para quem está em busca de moradia, quando viu o apartamento em si, se sentiu realizado, não teve essa ideia que... porque nós temos 48m² de construção, e o espaço e os custos de 1 m² a mais ou...

não faria tanta diferença já que a gente tinha o recurso. Foi devolvido ao município umas parcelas... uns valores, que eram destinados para aqui, porque a gente fez a economia. Então, esses valores, eu entendi, que daria para ter sido gasto aqui, para melhorias aqui.

Giselle: Entendi.

Josiany: Mas, Maria da Luz, vocês tiveram oportunidade de... vocês sentiram alguma abertura para tentar pontuar isso, no momento do projeto, sabe? "Ah, talvez a cozinha teria que ser maior". Você acha que teve, assim, essa oportunidade ou não?

Maria da Luz: Olha, essa discussão poderia ter sido feita, porque tem um residencial lá no Santa Mônica, que eles... porque, depois que tem um pronto, dá para se ter uma visão e pleitear diferenças no próximo. O de lá, eles conseguiram uma cozinha bem maior, área de trabalho da cozinha bem maior. Então, assim, com os mesmos recursos. Então, a gente poderia... é que a gente não tinha, mesmo, experiência. A gente estava acostumado a morar em um barracão lá na vila, não tinha ideia dessa melhoria para conforto.

Josiany: Você está falando de um outro que conseguiu espaço maior... você está falando de outro bloco do conjunto?

Giselle: Não, outro conjunto.

Maria da Luz: Não, lá na Avenida Augusto dos Anjos.

Giselle: Santa Mônica... Maria da Luz, você está falando dos custos, né, que vocês conseguiram reduzir os custos por causa dos trabalhos dos mutirões aos finais de semana. E, eu queria entender, assim, quem que fazia a gerência desses... do que estava sendo gasto na obra, assim, das compras... Quem que fazia esse controle, que você fala assim: "Olha, a gente conseguiu um barateamento". A assessoria, ela fazia, vocês que eram moradores também faziam, como que era isso? Essa organização do dinheiro.

Maria da Luz: Era da assessoria junto com a diretoria, que era aquele grupo de diretores.

Giselle: Ótimo, então, eles que controlavam mas você tinha noção, né. Sabia que existia uma economia grande, então.

Maria da Luz: É, a gente tinha ideia dessa economia, porque o que se construía a cada final de semana, deixava claro que era uma economia grande que tinha feito. Por exemplo, quando era no dia de prestação de contas, a gente sabia o que tinha sido gasto até ali. Então, se fosse pagando uma empresa para construir, a gente não teria noção e nem saberia que tinha feito essa economia.

Giselle: E você acha que os outros moradores, mesmo esses que não chegaram a ocupar nenhum cargo na diretoria, nenhum cargo de liderança... que eles tinham uma noção dessas economias ou era uma coisa mais concentrada com vocês que estavam mais à frente...

Maria da Luz: Não, todo mundo sabia, porque, antes de iniciar o trabalho na manhã, tinha uma reunião no... era um... o pátio era terra, mas a gente reunia ali e ouvia os avanços e os recursos existentes que tinha deixado de ser gasto.

Giselle: Entendi. Me conta, antes de a gente entrar na obra, assim, porque eu já estou quase concluindo. Eu sei que você também tem horário e, também, se você precisar interromper você avisa a gente que a gente pode mandar essas perguntas depois e você responde lá, da forma como for melhor. Eu queria entender se existia alguma atividade junto lá da associação, da Vera, do Gutenberg relacionada, assim, à mobilização do grupo, [**Fase de Mobilização**] uma formação de vocês para determinados aspectos, tanto da obra, mas também, assim, disso que eu falei politicamente, de lidar com o dinheiro... essa assessoria, ela fazia esse papel, que era a conversa de vocês com a assessoria para além do projeto, para além de decisões da obra, decisões de como o conjunto iria ficar?

Maria da Luz: Olha, a assessoria, juntamente com a diretoria, eles tinham uma reunião onde discutiam as verbas e as formas de gastos. Aparentemente, eu entendo que a gente enquanto grupo não tem muita noção do que é dinheiro... ou seja, você falar "5.000, 50.000, 100.000" dá para se entender, claramente, porque é uma coisa próxima a você. Quando aumenta os zeros, já surge a dificuldade e a maioria... como você vê, eu fui fazer faculdade depois que estava morando aqui, agora depois de vovó. E eu sou uma de alguns aqui que também atingiram esse patamar. Mas, até então, conhecimento técnico é muito pouco, as pessoas não têm conhecimento técnico, são muito fáceis de serem... ah, não sei nem como eu digo... de entender "um pato é um gato".

Giselle: Entendi. Então, assim, essa assessoria, ela fazia muito mais esse papel de dar um suporte para vocês, mas chegou a ter, por exemplo, algum curso? Um curso para obra, algum curso para entender de projeto, algum curso para falar assim: "Vamos manter unido, vamos aprender determinadas questões relacionadas à política pública, ao programa de autogestão" feitos pela assessoria, que a assessoria puxou?

Maria da Luz: Teve aqui no... quando já tinha um apartamento quando a gente encontrava... a gente, alguns domingos, antes de começar o trabalho, tinha uma ou duas horas para tratar de assuntos assim. Para procurar entender que a janela precisava ser assim, que a porta precisava ser assado, que a rede de luz era assim, que as coisas iam ser conjuntas, que não tinha como fazer à gosto de um e não de outro, tinha de se ter o consenso de todos. Teve algumas reuniões que eles chamavam de curso.

Giselle: E vocês chegavam a se reunir com um... toda semana? Como que era isso, assim, para decidir as coisas da obra. Igual você falou assim: "Ah, precisava organizar o material, precisava cavar uma vala para determinada fundação de um bloco". Como que era essa organização e como que a assessoria auxiliava nisso ou eles que se organizavam sozinhos?

[Fase de Obra]

Maria da Luz: A assessoria criou vários grupos, o grupo de jardinagem, onde até meu filho fazia... era chefe de 18 pessoas. O grupo de apoio, era meu grupo, eu tinha 18 pessoas que eram do meu grupo. Esse grupo de jardinagem, na verdade, eles iam capinar, semear terra... até a gente brinca muito que ele conseguiu uma maneira de facilitar a vida dos outros, porque ele pegou um... como para plantar essa grama no barranco era muito difícil, ele teve uma ideia de um tubo de PVC grande, invés de cada um ficar pegando baldinho de terra, despejando a terra no tubo e, lá embaixo, alguém ia direcionando para cair a terra nos lugares onde iam colocando as gramas. O meu grupo pegava no pesado: era carregar os carrinhos do tijolos, concreto, terras que tiravam ali atrás. Tinha um

outro grupo que era de [inaudível], que ia cozinhar refeição para cada um. E, assim, foi distribuindo em grupos. [Inaudível] liderava: "Hoje, nós vamos trabalhar naquele apartamento" e, assim, foi organizado pela assessoria.

Giselle: Ótimo, excelente. E você chegou a mencionar que as pessoas que tinham alguma dificuldade, elas ficavam mais servindo água, no café. Por exemplo, as mulheres, você acha que elas ocupavam um lugar diferente na obra ou elas lidavam com as mesmas coisas que os homens?

Maria da Luz: Lidavam com as mesmas coisas que os homens. Tinha um grupo que fazia comida e que servia o café. A água, eram essas senhoras velhinhas que não davam conta de trabalhar, mas as demais, batia concreto normal, como qualquer outro homem.

Giselle: Entendi. Então vocês chegavam a construir, efetivamente, também, né?

Maria da Luz: Sim, [inaudível] passou quase todos os tijolos. Pessoal, o papo tá ótimo, mas eu... já vai dar 11:30 e eu tenho que fazer almoço para trabalhar ainda. E se você quiser me mandar outras perguntas que ficaram a desejar, eu posso te responder [inaudível] sem problema nenhum.

Giselle: Não, perfeito. Vou te mandar, sim... Eu queria só saber se tem algum documento, foto, do processo que você possa compartilhar com a gente? Que a gente poderia também pegar com a Luzia e escanear e devolver... nem devolver, a gente nem vai ficar com esse material, mas a gente tira foto.

Maria da Luz: Eu tenho o seguinte... eu tenho... eu não tenho as fotos. O Herval tem fotos intensas, eu posso pedir a ele para me mandar por e-mail ou vocês vão fazer entrevista com ele?

Giselle: Pois é, a gente ainda não conseguiu o contato deles. Inclusive, se você pudesse nos passar para gente tentar...

Maria da Luz: Eu vou [inaudível] para você. Ele é uma pessoa que vai te falar de datas, que você queria saber, tudo. E aí, ele te manda as fotos.

Giselle: Não, tá ótimo. Maria da Luz, a gente agradece demais a sua participação, foi muita rica a sua fala, muito bom.

Maria da Luz: Eu agradeço... sou eu quem agradeço por lembrar um pouco dessa história porque faz parte da minha vida. Eu, hoje, aos 70, eu acho, ainda, que eu posso ter mais. Meu corpo sabe que eu tenho 70, mas minha cabeça ainda não descobriu.

Giselle: Muito obrigada.

Roberto Estaáquio: Muito obrigado

Giselle: A gente depois te encaminha, tanto as perguntas, não porque não ficou claro, pelo contrário, ficou tudo muito claro, mas, assim, algumas coisas que a gente queria saber mais. Mas, de toda forma, a gente pega o contato do Herval e também descobre outras coisas junto dele. Obrigada demais e eu mando depois a transcrição.

Maria da Luz: Está ok. Muito obrigada a vocês, tenham...

Roberto Estaáquio: Obrigado a você.